

# AS “DERIVAS” DE UM CONCEITO EM SUAS TRADUÇÕES: O CASO DO *TRIEB* FREUDIANO

## THE “DRIFTS” OF A CONCEPT IN ITS TRANSLATIONS: THE CASE OF FREUDIAN’S *TRIEB*

**Pedro Heliodoro Tavares\***

---

### RESUMO

Recentemente os direitos sobre a obra de Sigmund Freud caíram em domínio público. Como consequência disso, após décadas de intensas críticas à única e indireta versão disponível em língua portuguesa, temos finalmente três projetos de tradução sendo desenvolvidos no Brasil a partir do original alemão. A intenção deste artigo, portanto, é a de discutir as escolhas feitas para a tradução de *Trieb*, um dos mais centrais dos conceitos freudianos.

**Palavras-Chave:** *Trieb*; tradução de Freud; tradução e psicanálise.

### ABSTRACT

Recently the rights over Sigmund Freud’s work went into the public domain. As a consequence, after decades of intense critics on the only and indirect translation available in Portuguese, we finally have in Brazil three translation projects of his writings being developed directly from the original in German. The aim of this article is therefore to discuss the choices made to translate *Trieb*, one of the most important of Freudian concepts.

**Keywords:** *Trieb*; Freud translation; translation and psychoanalysis.

---

Sigmund Freud, idealizador e fundador da Psicanálise, sempre demonstrou grande empenho na difusão de suas ideias. Por vezes, contudo, manifestou preocupação com os desvios que sua obra pudesse vir a sofrer. Ninguém melhor que ele – que comparava o trabalho analítico ao ato de tradução e falava em traduzir o inconsciente para a linguagem da consciência (FREUD 1900/1999, p. 283) – sabia que não há tradução sem perdas, sem desvios e sem interesses. O que nunca saberemos é se ele alguma vez antecipou que as traduções e as interpretações de suas obras dariam lugar a uma querela sem fim entre os que se atribuem aquela que seria a ‘verdadeira’ leitura.

---

\*. USP, São Paulo (SP), Brasil. pedrohmbt@hotmail.com

Um fator de complicação é o ineditismo das proposições freudianas, marcadas por novas concepções de cultura e de sujeito. Será que essas ideias exigiam um novo vocabulário, ou que termos que já circulavam na cultura, na linguagem da vida cotidiana precisavam revestir-se de novas acepções? Essa talvez seja a grande questão sobre a tradução da obra freudiana.

Se Freud inaugura, de fato, uma forma de pensar o homem capaz de revolucionar o século XX, até o final desse século a única versão disponível de sua obra em língua portuguesa para os brasileiros é uma tradução de tradução, ou seja, uma tradução realizada a partir da tradução inglesa coordenada por James Strachey. Essa tradução mostrou-se especialmente problemática, não somente por ter sido feita de modo indireto, mas também pela considerável debilidade em critérios e sistematização. Marilene Carone em seu "Freud em Português: Uma tradução selvagem" mostra em inúmeros exemplos que, muito além das críticas voltadas à versão de Strachey, a *Standard Brasileira* foi elaborada por pessoas que sequer tinham um conhecimento razoável da língua inglesa (CARONE in SOUZA, 1998, p.160-166). Além disso, Carone aponta em "Freud em Português: Ideologia de uma Tradução" como os conceitos fundamentais da metapsicologia freudiana são tradados de forma aleatória e confusa na referida versão (CARONE in SOUZA, 1998, p.166-176).

Em 2009, entretanto, setenta anos após a morte de Sigmund Freud, sua obra caiu em domínio público. Após décadas de intensas críticas à única e indireta versão disponível em língua portuguesa, temos finalmente três projetos de tradução sendo desenvolvidos no Brasil a partir do original alemão. A editora *Imago*, do Rio de Janeiro, detentora dos direitos até 2009, lançou em 2004 o primeiro volume de uma primeira tradução direta a cargo de uma equipe coordenada pelo psicanalista Luiz Alberto Hanns. Simultaneamente, Paulo César de Souza vem elaborando outra versão das obras de Freud pela *Cia. das Letras*, de São Paulo – Souza dedicou às traduções da obra de Freud sua tese de doutorado, posteriormente publicada pela *Ática* sob o título *As Palavras de Freud - O Vocabulário Freudiano e suas Versões* (1999). Uma terceira tradução direta da obra de Freud está a cargo de Renato Zwick, pela editora *L&PM*, de Porto Alegre.

Diante da intensa divulgação desses projetos, volta a reacender-se o infindável debate sobre as traduções desse influente autor. Esse debate, contudo, talvez não tivesse metade da força ou importância se não fosse o vocábulo *Trieb*, o mais controverso em relação às (im)possíveis traduções do vocabulário freudiano. Os motivos não são simples, ainda que pareçam muito mais simples que a procura de termos que traduzam *Trieb* para a maioria das línguas europeias modernas.

Em primeiro lugar, trata-se do segundo mais importante conceito psicanalítico, perdendo seu posto somente para *Unbewusst(e)*, o *Inconsciente*, e esse já seria um motivo mais do que importante para levar adiante uma busca rigorosa por um substituto adequado a cada tradução. O grande problema, porém, é que, conforme as decisões que tomamos, acabamos por determinar uma localização do discurso freudiano em um campo de saber pré-determinado, rompendo com a ambiguidade inerente ao próprio termo, e que garante que nele já esteja impresso o cunho *fronteiriço*. No seu artigo mais diretamente ligado ao conceito, *Triebe und Triebschicksale*, Freud vai designá-lo justamente como um *Grenzbegriff* (conceito-limite, conceito-fronteira) entre o *somático/corporal* e o *anímico/psíquico*.

Assim nos aparece o *Trieb* como um conceito-limite entre o anímico (*seelischem*) e o somático, como um representante psíquico dos estímulos (*Reize*) oriundos do interior do corpo e que alcançam a alma (*Seele*), como uma medida da exigência de trabalho imposto ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal.

[so erscheint uns der *Trieb* als ein *Grenzbegriff* zwischen *Seelischem* und *Somatischem*, als *psychischer Repräsentant* der aus dem *Körperinnern* stammenden, in die *Seele* gelangenden *Reize*, als ein *Maß* der *Arbeitsanforderung*, die dem *Seelischen* infolge seines *Zusammenhangs* mit dem *Körperlichen* auferlegt ist.]<sup>1</sup> (FREUD, 1914/1999, p. 214).

Decidir-se levemente por uma tradução apressada e descomprometida pode fazer desse *Trieb* uma espécie de clandestino que cruza as fronteiras para o lado biológico-corporal ou para o psíquico-cultural, naturalizando-se em uma ou outra região. Acontece que Freud não pretendeu naturalizá-lo em qualquer território previamente definido, mas antes preservar sua característica seminal *fronteiriça* e, portanto, apátrida. Nesse mesmo artigo metapsicológico, Freud admite pretender com esse indefinido conceito fundar sua teoria, mesmo percebendo a necessidade de admitir "certa dose de imprecisão" [...*ein gewisses Mass von Unbestimmtheit*] (FREUD, 1914/1999, p. 210). Nesse sentido, *Trieb* é designado como "um conceito-fundamental convencional, até o momento bastante obscuro" [*Ein solcher konventioneller, vorläufig noch ziemlich dunkler Grundbegriff*] (FREUD, 1914/1999, p. 211), o que nos leva a pensar que uma tradução que tenha por meta um esclarecimento será uma tradução redutora.

Em *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, Freud não deixará dúvidas quanto a esse caráter de indeterminação: "A doutrina dos *Triebe* é, por assim dizer, nossa mitologia. Os *Triebe* são entes míticos, grandiosos em sua

---

1. Salvo quando indicado diferentemente após as citações, as traduções aqui apresentadas foram elaboradas pelo autor deste artigo.

indeterminação" [Die Trieblehre ist sozusagen unsere Mythologie. Die Triebe sind mythische Wesen, großartig in ihrer Unbestimmtheit] (FREUD, 1933/1999, p.101).

Em outro texto, *Die Frage der Laienanalyse*, Freud admite a dificuldade de sua tradução para outras línguas considerando *Trieb* "uma palavra a partir da qual muitas línguas modernas nos invejam" [ein Wort, um das uns viele moderne Sprachen beneiden] (FREUD, 1926/1999, p. 227). Sua tradução é particularmente difícil para as línguas românicas nas quais as ideias de Freud mais se difundiram, a saber, o espanhol, o francês, o italiano e, certamente, o português. O curioso, porém, é que o intenso debate em torno dessa tradução se dá a partir da versão de Strachey para o inglês. A questão é que *Trieb* tem uma tradução bastante adequada e satisfatória, um parente etimológico na língua de Shakespeare: *drive*. Não foi essa, entretanto, a solução utilizada pelo tradutor inglês. Os leitores brasileiros que, em sua maioria, estão mais familiarizados com a língua inglesa do que com a língua alemã, logo reconhecem em *drive* não o substantivo, mas o verbo "conduzir, levar a"; não somente levar em um veículo, mas "forçar alguém ou alguma coisa a se mover em determinada direção" [to force sb/sth to move in a particular direction - Oxford Dictionary] (CROWTHER, 1995, p. 213). Como substantivo, *drive* designaria, além de "um passeio de carro", "uma pequena estrada ou rua", "o desejo de satisfazer uma necessidade: forte *drive* sexual" [the desire to satisfy a need: strong sexual drive].

Curiosamente, entretanto, a palavra escolhida por Strachey foi *instinct*. Para esse vocábulo, recorrendo à mesma fonte consultada no caso de *drive*, o Oxford, encontramos: "1) uma tendência, com a qual alguém nasce, para se comportar de determinada maneira sem raciocinar ou pensar 2) um sentimento natural que faz alguém agir ou responder de um modo particular." [1. a tendency that one is born with to behave in a certain way without reasoning or thinking 2. a natural feeling that makes one act or respond in a particular way] (CROWTHER, 1995, p. 412). Já no Cambridge Dictionary, temos: "o modo como pessoas ou animais naturalmente reagem ou se comportam, sem terem que pensar ou aprender sobre isso" [the way people or animals naturally react or behave, without having to think or learn about it] (HEACOCK, 2010 p.854). Eis, portanto, na tendência inata e no comportamento natural, uma garantia do estabelecimento do conceito no território do somático/corporal razão pela qual acumulam-se as críticas à *Standard Edition* de Strachey, acusado, então, de ser demasiado "biologizante". Como até hoje a única reunião ampla dos textos freudianos traduzidos em língua portuguesa foi feita a partir dessa versão inglesa, temos na *Edição Standard Brasileira* ainda predominantemente o termo *instinto* para designar o *Trieb* freudiano.

Mas se começamos pelo inglês, origem da celeuma, voltemo-nos agora ao original alemão. Eis a entrada para esse vocábulo no tradicional *Wabrig Deutsches Wörterbuch*, seguida de uma tradução:

**Trieb** [m .1] (*immerer*) *Antrieb, Drang, (innere) treibende Kraft* (Natur ~, Nahrungs ~); *geschlechtl. Verlangen* (Geschlechts~, Fortpflanzungs~); *Kraftübertragung von einer Welle auf eine andere* (Ketten ~, Riemen~, Seil~, Zahnrad~); (Feinmechanik) *dem Ritzel entsprechendes kleines Zahnrad mit wenig Zähnen; Sy Triebad, neuer sich entwickelnder Teil einer Pflanze; das Treiben der Herde* (Ab~, Auf~); *Viehweg, Weiderecht*; *seinen* (geschlechtl.) ~ **befriedigen**, *seine* ~e **beherrschen**; *ich habe keinen*, *nicht den geringsten* ~ *dazu* (umg.) *keine Energie, keine Lust; seinen* ~en *nachgeben*; *der Not gehorchend nicht dem eignen* ~e (Schiller, *Braut von Messina* I,1); *junge* ~e (an den Bäumen); **sinnlicher** ~ [*mhd.trip; zu treiben; → a. Trift*] (WAHRIG, 1980, p.1356. Grifos nossos)

**Trieb** [masc. 1] *ímpeto [Antrieb] (interior), aberto/prensa/impulso [Drang], força motora/impelente [treibende] (interna)* (~ natural, ~ de alimentação), *demanda sexual* (~ sexual, ~ de reprodução); *transferência de força de um eixo a outro* (~ de cadeia [transmissão por cadeia], ~ de correia [transmissão por correia], ~ de cabo [transmissão por cabo], ~ de engrenagem [transmissão por engrenagem]; (mecânica de precisão), *pequena roda dentada com poucos dentes relativa à engrenagem; Sin. Triebad*; *parte nova de uma planta que se desenvolve [broto]; a condução do rebanho* (descendente [*ab*~], ascendente [*auf*~]); *caminho de gado; direito de pastagem; satisfazer/apaziguar seus* ~s *sexuais; dominar seus* ~s; *eu não tenho nenhum, o menor* ~ *por isso/disso* (coloquial) *nenhuma energia, nenhum desejo/prazer [Lust], ceder a seus* ~; *obedecendo à necessidade e não aos próprios* ~s (Schiller, *Noiva de Messina* I,1); *novos* ~s (nas árvores); ~ **sensual** [*médio alto-alemão trip; de treiben; ver também Trift – (pastagem, corrente)*]

Conforme sua etimologia, o substantivo *Trieb* está diretamente ligado ao verbo *treiben* (verbo germânico. médio alto-alemão: *trīben*, antigo alto-alemão: *trīban*, gótico: *dreiban*, inglês: *drive*, sueco: *driva*), que denota "colocar em movimento" [*in Bewegung setzen*] (DRODOWSKI & GREBE, 1963, p. 887). Nesse sentido, associa-se em diferentes acepções à Mecânica e à Física do "motor" [*Antrieb*]; à atividade pastoril, no sentido de "conduzir, tocar adiante" o rebanho, e também à Botânica, no sentido de que o desenvolvimento de um "broto" [*Trieb*] é o pujante movimento próprio do crescimento. Assim, um *Treiber* é um tocador de gado; *Treibhaus*, uma casa [*Haus*] de vidro ou estufa para o crescimento de plantas; *Treibriemen*, a correia [*Rieme*] para transferência de movimento entre peças ou engrenagens. Associado ao termo *Trift*, (pastagem, corrente), *treiben* ou *Trieb* dão conta do "fluir, seguir um fluxo", seja das águas de um rio ou do mar, ou do movimento sincronizado do gado. *Treibeis* é, desse modo, o gelo [*Eis*] levado pelas correntes marítimas, e *Treibholz*, a madeira [*Holz*] à deriva.

Eis finalmente uma palavra portuguesa aparentada ao *Trieb*: *deriva*. No sentido de sua proveniência etimológica, no alemão e no português, duas línguas indo-europeias, *deriva* é, sem dúvida, o parente mais próximo de *Trieb*, e divide com ela certos "traços fisionômicos" fundamentais para esta discussão. O que está à

*deriva* é impelido, movido, levado por uma força que se percebe como alheia, e eis aqui a diferença maior: na *deriva*, essa força é de fato alheia em relação ao *Trieb*; este, em termos freudianos, é oriundo do Isso [Es], mas o Eu [Ich] o percebe como sendo uma força alheia, rejeitando-a, mesmo sendo aquilo que o sujeito tem de mais próprio e singular. Lembremos com isso que a máxima freudiana *Wo Es war, soll Ich werden* (“Onde Isso estava, devo Eu advir”) fala da meta analítica de uma maior identificação com as forças do Isso [os *Triebe*], em detrimento das produções imaginárias do Eu.

A bem da verdade, o dicionário Houaiss aponta para uma controvérsia relativa à origem do vocábulo *deriva*, ligado, sim, ao *drive* inglês e, portanto, ao *Trieb* alemão, mas também ao *dériver* francês: “Etimologia: fr. *dérive* (1628), regr. de *dériver*, que, em fr., é cruzamento da acp. ‘deixar (o barco) a margem, partir, zarpar’ com o ing. *to drive* ‘dirigir’; ver *riv(i)-*” (HOUAISS & VILLAR, 2001, edição eletrônica).

Curiosamente, o francês *dériver* remonta ao latim *derivare*, de *rivus* (riacho, pequeno curso d’água) (REY, 1966, edição eletrônica). E esse não parece ser um dado qualquer, já que o estilo freudiano – nas frases caracterizadas pelo particípio presente e na escolha de seu vocabulário – é extremamente marcado pelo *devoir* e pela *fluência* (veja-se o reiterado uso de termos de “decurso”, tais como *Vorgang*, *Abfuhr*, *Ablauf*, *Innervartion*, *Bahnung*) e pela *imposição de forças* (são bastante frequentes os termos de “imposição”, tais como: *Zwang*, *Drang*, *eindringen*, *Druck*, *Widerstand*). Semelhante é o caso do *drive* inglês nas seguintes acepções: “S. (de vento ou de água) carregar algo em decurso: [v. + fr. nom.] folhas mortas *levadas/carregadas* (driven) em decurso pelo vento [v. + fr. nom. + fr. prep.], ondas enormes *conduziram / impulsionaram* (drove) o iate contra os rochedos” (S(of wind or water) to carry something along: [Vnp] dead leaves driven along by the wind, [Vnpr] Huge waves drove the yacht onto the rocks) (CROWTHER, 1995, p. 412).

Os *Triebe*, aproveitando a polissemia de *deriva* e *derivar*, *derivam* do interior do sujeito-corpo, “brotam” desse interior, mas também *derivam*, “desviam-se” para outra coisa que não o puro determinismo biológico do instintual. Como vimos no exemplo fornecido no Wahrig, e atestado na peça teatral “A Noiva de Messina” de Schiller: *der Not gehorchend nicht dem eignen Trieb* (obedecendo à necessidade, e não ao próprio *Trieb*). O que se atesta é que *Not*, a necessidade inequívoca, seria da ordem do *Instinkt*, que aqui claramente se opõe ao *Trieb*.

Não se trata de ignorar os fatores biológicos e físicos inerentes ao *Trieb*, um *Naturtrieb* (*Trieb* natural) poderia ser considerado um sinônimo perfeito para *instinto*. A ambiguidade entre o somático e o psíquico, contudo, aparece até mesmo em certas definições de dicionários como o *Wörterbuch der Deutschen Sprache da Berlin-Brandenburgische Akademie der Wissenschaft*:

As “derivadas” de um conceito em suas traduções:...

impetuosa aspiração interior *inata ou adquirida* por ações necessárias à conservação da vida ou dirigidas à satisfação de fortes necessidades humanas. (grifos nossos)  
[*angeborenes oder erworbenes, heftiges inneres Streben nach Handlungen, die zur Erhaltung des Lebens notwendig oder auf die Befriedigung starker Bedürfnisse des Menschen gerichtet sind*]. (ENZENSBERGER, 2010)<sup>2</sup>

Em outras palavras, pode-se fazer uso do termo *Trieb* para contemplar tanto o *inatamente instintivo* quanto o *culturalmente adquirido*, tanto as necessidades biológicas quanto as demandas psíquicas, mas Freud trata, com esse conceito-limite, justamente de um corpo transformado pelo psíquico, pela cultura, pelo simbólico. Se o *Trieb* é a base da sexualidade humana, não esqueçamos que Freud considera-a, nos *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, uma sexualidade perverso-polimorfa, já que a biologia não mais determina de modo exclusivo e direto nossas ações, e que dela sempre nos desviamos (derivamos) através do processo de inserção na cultura. Para tratar do estritamente biológico, Freud chega a fazer uso do termo alternativo *Instinkt*, disponível no léxico alemão.

A percepção desses desvios e o empenho em desfazer esse equívoco certamente não encontra expoente mais expressivo que Jacques Lacan, a figura mais influente do freudismo nos países de línguas românicas. Para o *Trieb* freudiano, Lacan propõe o quase-neologismo *pulsion*, que se não foi por ele cunhado é certamente a partir dele consagrado na língua francesa. Para o psicanalista francês, em seu escrito dedicado à questão, *Du “Trieb” de Freud et du désir du Psychanalyste*:

A pulsão, tal como construída por Freud, a partir da experiência do inconsciente, proíbe ao pensamento psicologizante esse recurso ao instinto com o qual se mascara sua ignorância, pela suposição de uma moral na natureza. A pulsão, nunca será demais lembrar à obstinação do psicólogo que, no seu conjunto e *per se*, está a serviço da exploração tecnocrática, a pulsão freudiana nada tem a ver com o instinto (nenhuma das expressões de Freud permite tal confusão).

[*La pulsion, telle qu'elle est construite par Freud, à partir de l'expérience de l'inconscient, interdit à la pensée psychologisante ce recours à l'instinct où elle masque son ignorance par la supposition d'une morale dans la nature. La pulsion, on ne rappellera jamais assez à l'obstination du psychologue qui, dans son ensemble et per se, est au service de l'exploitation technocratique, la pulsion freudienne n'a rien à faire avec l'instinct (aucune des expressions de Freud ne permet la confusion)*] (LACAN, 1964, p. 331)

Ainda que tendamos a concordar com a essência da crítica lacaniana, seu radicalismo (...*nenhuma das expressões de Freud permite tal confusão*) esbarra em uma curiosa

---

2. A não indicação de páginas em certos dicionários se deve ao fato de serem obras de consulta eletrônica (Cf. referências).

ironia na história das traduções de Freud para o português. Alvo de críticas<sup>3</sup> de Laplanche (1989) à tradução de *Trieb* por *instinto*, a Edição Standard Brasileira traz, em uma ínfima e parcial revisão, a substituição de *instinto* por *pulsão* na abertura dos “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”. Na edição de 1996, somente no Volume VII, onde antes apareciam os termos *instinto* (*Trieb* (ale.) / *instinct* (ing.)) e *impulso instintual* (*Triebregung* (ale.) / *instinctual impulse* (ing.)), fez-se a alteração para *pulsão* e *moção pulsional*, respectivamente.

A ironia está no fato de que aí se substitui o termo justamente num momento em que Freud aproxima o *Trieb* do *instintivo*:

O fato da existência de necessidades sexuais no homem e no animal expressa-se na biologia pelo pressuposto de uma ‘pulsão sexual’. Segue-se nisso a analogia com a pulsão de nutrição: a fome (FREUD, 1905/1996, SB p.128).

[Die Tatsache geschlechtlicher Bedürfnisse bei Mensch und Tier drückt man in der Biologie durch die Annahme eines ‘Geschlechtstriebes’ aus. Man folgt dabei der analogie mit dem Trieb nach Nahrungsaufnahme, dem Hunger.] (FREUD, 1905/1999, GW p.33)

Não estamos aqui defendendo que *deriva* seja a melhor alternativa para a tradução do *Trieb* freudiano, mas antes aproveitamos seus sentidos de *força motora acéfala* e sua *indeterminação direcional* prévia para tratar também de suas *derivações* nas atuais traduções diretas do alemão para o português. Para nos dirigirmos a um exemplo prático dos rumos dessas traduções, tomemos um breve trecho de *Das Unbehagen in der Kultur* (1930) nas três traduções disponíveis e analisemos, além das versões para *Trieb*, outros termos-problema ali presentes como *Verdrängung* e, por extensão, *Unterdrückung*, além do próprio termo *Kultur*, no título do ensaio.

Eis o trecho original de Freud seguido de suas versões. Os quatro termos são por nós destacados em itálico no original e nas traduções:

Original:

...es ist unmöglich zu übersehen in welchem Ausmaß die *Kultur* auf *Triebverzicht* aufgebaut ist, wie sehr sie gerade die Nichtbefriedigung (*Unterdrückung*, *Verdrängung* oder sonst etwas?) von mächtigen *Trieben* zur Voraussetzung hat. (FREUD, 1930/1999 p. 457)

Versão inglesa de James Strachey:

...it is impossible to overlook the extent to which *civilization* is built up on *renunciation of instinct*, how much it presupposes precisely the *non-gratification* (*suppression*, *repression* or some other means?) of powerful *instincts*. (FREUD, 1930/1980, p. 63)

3. Cf. em especial, as críticas de Jean Laplanche (1989), que chama a atenção para o fato de que Freud, nas raras vezes em que usa *Instinkt* em vez de *Trieb*, usa o termo “a propósito de animais” (p. 38).



As “derivadas” de um conceito em suas traduções:...

Versão da *Standard Brasileira*. (Tradução da versão de Strachey):

...é impossível desprezar o ponto até o qual a *civilização* é construída sobre uma *renúncia ao instinto*, o quanto ela pressupõe exatamente a não-satisfação (pela *opressão*, *repressão*, ou algum outro meio?) de *instintos* poderosos. (FREUD, 1930/1996, p.103-4)

Versão direta de Luiz Hanns:

...ainda que infelizmente não haja uma tradução disponível desse ensaio, quanto aos termos em destaque temos em outras traduções a já clara opção por *pulsão* [*Trieb*], *repressão* [*Unterdrückung*] e *recalque* [*Verdrängung*] e *cultura* [*Kultur*].

Cf. Dicionário Comentado do Alemão de Freud (HANNIS, 1996, p. 80)

Versão direta de Paulo César de Souza:

...é impossível não ver em que medida a *civilização* é construída sobre a *renúncia instintual*, o quanto ela pressupõe justamente a não satisfação (*supressão*, *repressão*, ou o quê mais?) de *instintos* poderosos. (FREUD, 1930/2010, p. 60)

Versão direta de Renato Zwick:

...é impossível não enxergar em que medida a *cultura* está alicerçada na *renúncia aos impulsos*, o quanto ela pressupõe de não satisfação (*repressão*, *recalcamento* ou o que?) de *impulsos* poderosos. (FREUD, 1930/2010b, p. 101)

O aspecto mais marcante da tradução de Strachey é, sem dúvida, a escolha de *instinct* para *Trieb*. Em uma crítica à tradução inglesa de *Verdrängung* por *repression*, Laplanche (tradutor francês) e Pontalis consideram que o que há é uma

cópia do inglês *repression* para o francês *répression* [repressão], visto que o termo *refoulement* [recalque] está consagrado e é satisfatório, ao passo que o termo *répression* [repressão] possui já uma utilização corrente que corresponde bem ao alemão *Unterdrückung*. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1982 p. 457-8)

Nesse comentário, o que no excerto Freud (seguido de suas traduções) sugere certa equivalência (*Unterdrückung, Verdrängung oder sonst etwas?*), os tradutores franceses – sobretudo Laplanche (1989), co-autor do influente *Vocabulaire de la Psychanalyse* – sublinham uma diferença fundamental. Esse trabalho teve um forte impacto na leitura francesa e naquelas que a tomam por referência: o de compreender *repressão* [*Unterdrückung*] como uma defesa ou evitamento em um sentido amplo, que pode ser até mesmo de ordem consciente, diferentemente de *Verdrängung*, este sim diretamente relacionado ao *Inconsciente* freudiano. Embora não encontremos no excerto que escolhemos os problemas de imprecisões e desleixo apontados por Carone (1989) – salvo pela transformação de *übersehen* (overlook) por *desprezar*, deixando de lado o aspecto de algo que “deixa de ser visto” –, esse trecho da *Edição Standard Brasileira* mostra-se bastante fiel a Strachey, e muito menos a Freud.

Passando para as traduções de Luiz Hanns, de quem infelizmente não temos ainda disponível esse trecho, talvez caiba aqui uma consideração à “consagração pelo uso” de *pulsão*, antes de ser por ele empregado na tradução de *Trieb*. Em meio às décadas de espera por uma tradução direta, convencionou-se no Brasil, graças à forte influência francesa e lacaniana, o uso desse termo como alternativa a *instinto*. *Pulsão* já encontra nos principais dicionários da língua portuguesa a acepção psicanalítica:

*substantivo feminino* Rubrica: psicanálise. processo dinâmico, força ou pressão, que faz o organismo tender para uma meta, a qual suprime o estado de tensão ou excitação corporal que é a fonte do processo. Obs.: cf. instinto (psicn.) (HOUAISS & VILLAR, 2001, edição eletrônica).

Nas três referidas traduções encontramos três versões diferentes para esse que é o segundo mais central dos conceitos freudianos. Luiz Hanns adere à tradição predominante que, seguindo a linha francesa, adotou o termo *pulsão*. Contudo, Hanns não se declara plenamente satisfeito com a escolha, uma vez que *Trieb*, em certas acepções, poderia ser tomado como sinônimo de *Instinkt*, mesmo que esse dificilmente seja o caso nos usos freudianos do termo. Para o tradutor, não era o caso de separar radicalmente as acepções de *instinto* e *pulsão*, mas apresenta uma defesa para sua opção:

O termo “instinto” não foi adotado nesta tradução por ser mais estreito que *Trieb* e levar a uma compreensão mais desligada dos aspectos volitivos e representacionais também presentes em *Trieb* e fundamentais para uma compreensão psicodinâmica e metapsicológica do inconsciente. Por este motivo a escolha recai sobre o neologismo oriundo do francês e já usual na psicanálise brasileira “pulsão”, que, apesar de menos compreensível do que *instinto* tem a vantagem de remeter foneticamente a algo que “pulsa” e à “impulsão”. (HANNIS, 2004, p.144)

Já Paulo César de Souza, crítico ferrenho da tradução francesa de Laplanche e grande admirador da versão de Strachey: “...das traduções atualmente disponíveis...a *Standard* é ainda a melhor” (SOUZA, 1999 p. 230), insiste em *instinto*, colocando o termo entre aspas para diferenciá-lo de *Instinkt*. Em sua defesa, remete o leitor à origem etimológica do termo em “*instigar, aguilhoar, estimular*” e a certos usos do termo que superariam o biológico. Reforça sua opção por *instinto* em detrimento de *pulsão* com uma nota (no mínimo) inusitada:

O mesmo ponto de vista foi saborosamente expresso por um amigo homossexual, numa ocasião em que lhe perguntei o que achava do termo “pulsão”. Ele respondeu: “Pulsão têm os anjos, meu querido; gente tem instinto” (registro o fato da sua homossexualidade porque é

As “derivadas” de um conceito em suas traduções:...

frequente os homossexuais terem uma percepção mais penetrante da sexualidade – própria e alheia). (SOUZA, 1999 p. 252)

Lembremos aqui somente a importância concedida por Freud à necessidade de desfazer os mitos sobre as diferenças qualitativas de natureza sexual baseadas na escolha de objeto e de ser ele o autor da teoria da bissexualidade disposicional. Seria digna do fundador-idealizador da psicanálise uma interpretação baseada – mesmo que jocosamente – numa suposta diferença da percepção da vida sexual amparada em tal discriminação?

Souza, vale ressaltar, foi organizador do livro com as críticas de Marilene Carone à *Standard Brasileira*, no qual apresenta a tradução do cáustico artigo de Richard Wollheim, sugestivamente intitulado *O gabinete do Dr. Lacan*. Trata-se, no título, de uma clara paródia do clássico do cinema expressionista alemão *Das Cabinet des Dr. Caligari* (1920) de Robert Wiene. O Caligari do filme é um falso-doutor, um psicopata que hipnotiza um rapaz (Cesare) que, em seu nome, comete crimes atrozes.

É de forma bem clara que Souza se preocupa em marcar seu repúdio ao lacanismo, enquanto Hanns, mesmo não sendo propriamente um lacaniano, tende, coincidentemente ou não, a aderir às soluções difundidas no meio lacaniano brasileiro. É curioso que mais de cem anos após o surgimento da psicanálise, sem uma tradução direta do alemão, tenhamos que nos deparar com traduções *lacanianas* ou *anti-lacanianas* de Freud, dos que *consagram* ou *demonizam* Lacan.

O que fica a desejar é uma tradução que se proponha a ser, a partir dos recursos da língua portuguesa, fundamentalmente *freudiana*. Essa percepção pode ser confirmada quanto ao excerto que destacamos com o também fundamental termo *Verdrängung*. Para Hanns, *Verdrängung* é *recalque*, tão próximo de *refoulement* (tradução francesa via Lacan), enquanto para Souza é *repressão*, tão próximo de *repression* (tradução inglesa via Jones). Souza chega a traduzir *Kultur* por *Civilização*, tal qual Strachey com o termo *civilization*.

Quanto a *Trieb*, Zwick, o terceiro tradutor e o último a entrar nessas controvérsias, adota uma posição bastante original e ousada ao traduzir o termo por *impulso*. Numa tradução – com parcas anotações – de um texto essencialmente ensaístico, mais do que teórico, percebemos nesse tradutor uma preocupação com o leitor não iniciado ou uma autêntica tentativa de se valer do léxico coloquial da língua portuguesa. Sua publicação é acrescida de um breve apêndice com o título “Sobre a tradução de um termo empregado por Freud”, no qual remete ao dicionário de Hanns, e sustentar que o substantivo *Trieb* deriva do verbo *treiben* que significa ‘impelir, impulsionar, tocar para a frente’” (Zwick, 2010, p. 189). Renato Zwick procura com

isso superar a dicotomia certamente colonialista de aderir seja à tradição anglo-saxã e traduzir *Trieb* por *instinto*, seja à francesa, que impõe *pulsion* (*pulsão*, em português).

Numa bela metáfora mitológica, aludindo à bravura do astuto Ulisses entre dois monstros marinhos, o tradutor argumenta:

Entre o Cila de um termo impreciso (*instinct* e por extensão “instinto” parece mais adequado para verter o alemão *Instinkt*) e o Caríbdis de um horrísono neologismo, acreditamos que haja uma terceira possibilidade que consiste simplesmente em atentar para os sentidos do termo alemão e buscar o seu equivalente em nosso idioma. Por essa razão propomos a tradução de *Trieb* por “impulso”, termo que, parece-nos, cobre perfeitamente os vários matizes de sentido da palavra alemã (ZWICK, 2010, p. 190-1).

A ousadia de Zwick é louvável principalmente pelo fato de expor a primeira clara preocupação de um tradutor de Freud em buscar no nosso léxico, e não nas tradições estrangeiras (inglesa/norte-americana, francesa ou espanhola/argentina), o termo mais adequado ou mais próximo de uma equivalência. A opção por *impulso* de fato resolve a ambiguidade inerente ao *Trieb*, que pode permanecer à deriva, entre o biológico e o cultural. Não causa estranhamento, afinal, que digamos ao mesmo tempo “impulso nervoso”, em um texto médico, e “impulso consumista”, em um texto sociológico, e esse parece ser um poderoso trunfo para sua defesa. Esse tradutor, entretanto, talvez não tenha levado em conta um aspecto do vocábulo *impulso* que não “cobre perfeitamente” a acepção freudiana de *Trieb*, como ele provavelmente gostaria que fosse o caso: acontece que em *Trieb und Triebchicksale*, Freud esclarece que “o *Trieb* nunca opera como uma força de impacto, mas sempre como uma força constante [*konstante Kraft*]” (1914/1999, p. 212).

Se a crítica ao *instinto* devia-se ao uso de *Instinkt* no alemão, vale lembrar que Freud utiliza *Impuls* ou mesmo *Antrieb* para tratar também de uma força *momentânea*, *passageira*, *abrupta*, como de fato parece ser o caso em nosso termo *impulso*, mas não é o caso em *Trieb*. Se ao *Trieb* devemos dar o nome de *pulsão*, “instinto” ou *impulso*? Parece-nos que, aparentemente, seguimos à *deriva*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARONE, M. (1989) Freud em Português: uma tradução selvagem. In: SOUZA, P. C. de (org.) *Sigmund Freud e o Gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense.
- CARONE, M. (1989) Freud em Português: ideologia de uma tradução. In: SOUZA, P. C. de (org.) *Sigmund Freud e o Gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense.

- CROWTHER, J. (Ed.) (1995) *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. Oxford: Oxford University Press.
- DRODOWSKI, G.; GREBE, P. (Eds.) (1963) *DUDEN Etymologie – Herfunftswörterbuch der deutschen Sprache*. Mannheim: Dudenverlag.
- ENZENSBERGER, H.-M. et al. (2010) *Wörterbuch de Deutschen Sprache der Berlin-Brandenburgische Akademie der Wissenschaft*. Berlin: BBAdW (Edição eletrônica).
- FREUD, S. (1930) Civilization and its discontents. Trad. James Strachey. In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Londres: The Hogarth Press, 1980.
- \_\_\_\_\_. (1930) Das Unbehagen in der Kultur. In: *Gesammelte Werke – Chronologisch geordnet*, Frankfurt am Main; Fischer Verlag, 1999.
- \_\_\_\_\_. (1926) Die Frage der Laienanalyse in die Psychoanalyse. In: *Gesammelte Werke – Chronologisch geordnet*, Frankfurt am Main; Fischer Verlag, 1999.
- \_\_\_\_\_. (1900) Die Traumdeutung. In: *Gesammelte Werke – Chronologisch geordnet*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.
- \_\_\_\_\_. (1905) Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. In: *Gesammelte Werke – Chronologisch geordnet*, Frankfurt am Main; Fischer Verlag, 1999.
- \_\_\_\_\_. (1933) Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse. In: *Gesammelte Werke – Chronologisch geordnet*, Frankfurt am Main; Fischer Verlag, 1999.
- \_\_\_\_\_. (1930) O Mal-Estar na Civilização. Trad. Jayme Salomão (coord.). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1930) O Mal-Estar na Civilização. Trad. Paulo César de Souza. In: *Obras completas de Sigmund Freud*, São Paulo: Cia. das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. (1930) *O Mal-Estar na Cultura*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010b.
- \_\_\_\_\_. (1914) Triebe und Tribschicksale. In: *Gesammelte Werke – Chronologisch geordnet*, Frankfurt am Main; Fischer Verlag, 1999.
- HANNS, L. (2004) Comentários do Editor Brasileiro. In: FREUD, S. *Obras Psicológicas de Sigmund Freud - Volume 1 – Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1996) Dicionário Comentado do Alemão de Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago.
- HEACOCK, P. (Ed.) (2010) *Cambridge Dictionary*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. et al. (2001) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- LACAN, J. (1964) Du "Trieb" de Freud et du désir du Psychanalyste. In: *Écrits II*, Paris: Seuil, 1999.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS (1982) *Vocabulário da Psicanálise*. Trad. de Pedro Tâmen. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- LAPLANCHE, J. *Problemáticas III: A Sublimação*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- REY, A. et al. (1996) *Le Petit Robert Dictionnaire de la Langue Française*. [en CD-ROM] Paris: Liris Interactive.

- SOUZA, P. C. de. (1998) *As Palavras de Freud – O vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Ática.
- WAHRIG, G. (Ed.) (1980) *Wahrig Deutsches Wörterbuch*. Munique: Mosaik Verlag.
- ZWICK, R. (2010) Sobre a tradução de um termo empregado por Freud. In: FREUD, S. O *Mal-Estar na Cultura*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM.

Recebido: 31/08/2011

Aceito: 24/10/2011